



INFORMATIVO

O TUIUTI

**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Março

Nº 449

O Manifesto dos Almirantes – março de 1964

Em 1964, logo depois de terminado o motim dos marinheiros, lançavam os oficiais-generais da Armada o seguinte manifesto:

"À Nação, ao Congresso Nacional, às Assembleias, aos governadores, aos chefes militares e a todos os cidadãos:

"Alertamos o povo — nós, almirantes, comandantes e oficiais da Marinha — para o golpe aplicado contra a disciplina na Marinha, ao admitir-se que minoria insignificante de subalternos imponha a demissão de Ministros e autoridades navais e se atreva a indicar substitutos.

Em lugar de promover-se a devida punição disciplinar, licenciam-se marinheiros amotinados que não representam absolutamente os dignos suboficiais, sargentos, marinheiros, fuzileiros, que em compacta maioria continuaram e continuam fieis ao seu juramento de disciplina e de dedicação à Marinha.

O que este golpe representa de ameaça a todas as instituições do País está patente, na forma e na essência, e só nos resta alertar a Nação para que se defenda, enquanto estão de pé as instituições e os cidadãos dignos da liberdade e da Pátria.

Continuamos unidos e dispostos a resistir por todos os meios ao nosso alcance às tentativas de comunização do País.

Os amotinados que se abrigaram na sede do Sindicato dos metalúrgicos infringiram rudemente o Código Penal Militar, cometendo, portanto, crimes e não apenas transgressões disciplinares.

Três crimes estão explicitamente capitulados nos seguintes artigos do Código citado:

- 130, motim e revolta, títulos 1 e 2;
- 133 e 134, aliciação e incitamento; e
- 141, insubordinação.

Tendo cometido crimes, os amotinados não poderiam ser postos em liberdade, anistia-dos ou o que seja pelo Presidente da República.

Teriam de ser submetidos a Conselho de Justiça, que os condenaria ou absolveria. Pelo que, o ato do Presidente da República foi inequivocamente abusivo e ilegal".

Fonte: CARNEIRO, Glauco. História das Revoluções Brasileiras. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, p. 602.

Compilado e formatado por Luiz Ernani Caminha Giorgis (Pedimos ampla divulgação).

@@

O Manifesto do Clube Naval – março de 1964

A Marinha do Brasil, dentro da missão que lhe é atribuída pela Carta Magna, tem por dever zelar pela lei, pela ordem e pela defesa das instituições.

Vinha o Clube Naval mantendo silêncio na intenção de não agravar mais ainda o contur-bado panorama político-social do País.

Os últimos acontecimentos, porém, mostraram que a Marinha, como instituição militar, foi inteiramente abalada em seus próprios fundamentos.

Um ato de indisciplina, praticado por um grupo de militares, foi acobertado pela autori-dade constituída, destruindo o princípio da hierarquia, fundamental em qualquer Organiza-ção, principalmente as militares.

Esses lamentáveis acontecimentos foram o resultado de um plano executado com per-feição e dirigido por um grupo já identificado pela Nação brasileira como interessado na subversão geral do País, com características nitidamente comunistas.

O fato de a Associação de Suboficiais e Sargentos da Marinha e do Clube Humaitá terem-se manifestado contrariamente a esses episódios demonstra que a Marinha, em sua expressiva maioria, com seu pessoal subalterno, continua trilhando as tradições de bem servir à Pátria.

Demonstra também que, contrariamente ao que querem fazer crer os agentes desagregadores, a Marinha não possui classes ou castas. Trabalha para cumprir sua missão como um todo, com seu pessoal distribuído por postos e graduações, que vão de grumete a almirante, com fundamento na hierarquia, base da organização militar.

Os elementos que se indisciplinaram, dentro de tática facilmente reconhecível, apresentaram reivindicações, algumas justas e outras absurdas como se esses problemas pudessem ser resolvidos, numa corporação militar, desta maneira.

É de se notar que muitas das reclamações expostas têm sido há anos consideradas, sendo a Marinha a pioneira da Assistência Social nas Forças Armadas.

Deve ser esclarecido, outrossim, que, na Marinha do Brasil, seus subalternos têm tratamento igual ou superior ao de qualquer outra Marinha.

Seus homens são recrutados, em geral, nas zonas subdesenvolvidas de País.

A Marinha os transforma em técnicos especializados, úteis não só a ela como a eles mesmos e ao País, proporcionando-lhes inclusive a possibilidade de alcançarem o oficialato e até mesmo o Almirantado.

Vem assim o Clube Naval, interpretando o sentimento unânime dos seus associados, comunicar à Nação que:

- a) A indisciplina foi coordenada e dirigida por elementos totalmente estranhos à Marinha;
- b) O acobertamento dessa indisciplina, violentando o princípio da autoridade, dificultou e, possivelmente, impedirá o seu exercício através de toda a cadeia hierárquica a bordo dos navios, nos quartéis e estabelecimentos navais.

E o mais lamentável é que a palavra do Governo empenhada ao Ministro da Marinha, no sentido de punir a insubordinação, não foi cumprida. Pouco depois, a punição de todos os sublevados foi relevada e o princípio de autoridade mutilado.

O grave acontecimento que ora envolve a Marinha de Guerra, ferindo-a na sua estrutura, abalando a disciplina, não pode ser situado apenas no setor naval.

É um acontecimento de repercussão nas Forças Armadas e a ele o Exército e a Aeronáutica não podem ficar indiferentes.

Caracteriza-se, claramente, a infiltração de agentes da subversão na estrutura das Forças Armadas.

O perigo que isto representa para as instituições e para o Brasil não pode ser subestimado.

Fonte: CARNEIRO, Glauco. História das Revoluções Brasileiras, vol. 2. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, p. 603.

#####

A batalha de Tarawa

Vivaldo José Breternitz (*)

Tarawa é um pequeno arquipélago do Oceano Pacífico. Domínio britânico, foi invadido pelos japoneses durante a 2ª Guerra Mundial.

Os americanos pretendiam tomar Betio, uma das ilhas que compõem o arquipélago, para utilizar a pista de pouso ali existente, de forma a permitir que pudessem vir a bombardear o território metropolitano do Japão de forma mais eficiente, assim como posições japonesas em outros locais.

Para isso, em 20 de novembro de 1943, cerca de 18 mil fuzileiros navais, apoiados por forças navais e aéreas invadiram a ilha, que era defendida por cerca de 4.500 japoneses, do exército e fuzileiros navais - estes, uma força de elite.

Os japoneses esperavam ser atacados, e por essa razão durante quase um ano trabalharam fortificando a ilha, construindo ali cerca de quinhentas casamatas, ninhos de metralhadoras, áreas minadas e outras posições defensivas, com excelentes posições de tiro com boa visão da praia. Havia também um posto de comando muito sólido e uma enorme quantidade de abrigos, feitos para proteger as tropas dos bombardeios aéreos e navais.

Logo no início da luta, um golpe de sorte favoreceu os americanos: o comandante japonês, almirante Keiji Shibasaki e todo seu estado maior foram mortos pelo fogo dos navios americanos quando se deslocavam de seu posto de comando para outra posição.

Isso dificultou a coordenação dos defensores, mas mesmo assim aconteceu uma verdadeira carnificina nos quatro dias que durou a batalha: os americanos tiveram cerca de 1.700 mortos; dentre os japoneses sobreviveram apenas 17, sendo um oficial. Muitos dos japoneses cometeram suicídio, fiéis às suas tradições militares.

O tamanho da carnificina torna-se ainda mais perceptível quando se leva em consideração que Betio tem cerca de dois quilômetros quadrados e que a luta durou 76 horas – para fins de comparação, autores americanos dizem que a área da ilha equivale à metade da do Central Park em Nova Iorque ou à área ocupada pelo Pentágono e pelos estacionamentos que o cercam.

O historiador Peter Doornekamp escreveu um livro intitulado “Tarawa: 20-23 November 1943” que descreve detalhadamente a batalha.

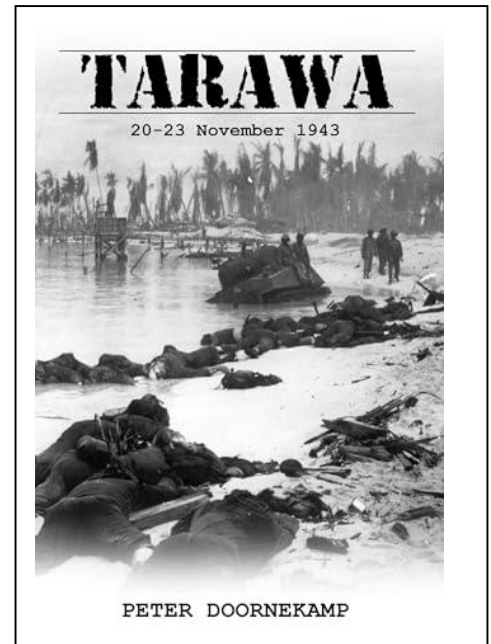
O livro foge um pouco das características comuns desse tipo de obra: os japoneses não são descritos como bárbaros, mas sim como militares altamente treinados e dispostos a ceder a própria vida em uma batalha que antecipadamente sabiam perdida.

Também são apresentadas dúvidas que persistem até a atualidade: militares e historiadores questionam a necessidade e o valor estratégico da invasão, afirmando que talvez o custo de vidas não tenha valido a pena no quadro geral da guerra e que talvez outras ilhas pudessem ter sido conquistadas a um custo menor.

Os preparativos para a invasão também são questionados – estudos acerca das marés e obstáculos não teriam sido feito de forma adequada, dificultando o desembarque de suprimentos, tanques e artilharia e gerando uma imensa quantidade de mortos e feridos ainda nas praias. Essas falhas inspiraram a criação dos Underwater Demolition Teams (UDT, ou "Times de Demolição Subaquática"), precursores dos SEALs da marinha americana.

Os fuzileiros fizeram um documentário, “With the Marines at Tarawa” utilizando material gravado durante a batalha – esse filme ganhou o Oscar de 1945 em sua categoria, e o livro descreve as dúvidas do Presidente Roosevelt e dos comandantes militares quanto a liberá-lo ou não para o público, pois mostrava soldados americanos mortos e feridos.

Ao final o filme foi liberado, o que gerou muitos protestos, mas também mostrou ao povo americano as dificuldades que seus soldados enfrentavam, o que acabou elevando o moral e a arrecadação com a venda de bônus de guerra, embora logo após sua liberação o alistamento nos fuzileiros navais tenha caído a 35% dos números que vinham sendo registrados.



6 - Tendo os presentes acolhido a ideia com grande entusiasmo e confiança no sucesso da mesma, despediram-se os visitantes das irmãs e fizeram os primeiros contatos para a articulação do movimento que acabava de nascer.

7 - Após a reunião, a irmã Ana de Lourdes recolheu-se aos seus aposentos, não tendo mantido nenhum outro contato sobre aquele assunto senão no dia seguinte, dia 14, às 17 horas, na reunião preparatória realizada na Rua Bauru, nesta capital.

8 - Assim, a partir da madrugada do dia 14 passou a circular no Brasil a notícia de que no dia 19, em São Paulo, os fiéis a Deus e Pátria saíam às ruas, num desagravo ao Rosário e à Bandeira. Respondendo a este apelo, o grupo organizador foi ampliado pela adesão de mais de 50 entidades cívicas. Assim numa união entusiasta centenas de mulheres, adultos e jovens, com esforço incansável durante dias e noites, foi mobilizada a opinião pública, e meio milhão de aderiram à marcha.

9 - Ao mesmo tempo, os organizadores daquele movimento visitaram a maioria das capitais do país, convidando os democratas a participarem do movimento. A presença de inúmeras delegações da Guanabara, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Paraná e de outros Estados, nós, paulistas, a certeza de que marcharíamos unidos pelos mesmos ideais, até a vitória final — com Deus pela Liberdade.

Hoje, vitoriosa a nossa Revolução, iniciada a marcha pela redemocratização do Brasil e pela consolidação daqueles ideais por nós defendidos, não devem pairar dúvidas e incertezas sobre os acontecimentos de que tanto nos orgulhamos. É necessário restabelecer a verdade.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade teve a sua grandeza e sua repercussão porque correspondeu a um sentimento da maioria dos brasileiros, aos quais se deve o mérito de seu êxito.

Foi este objetivo que nos moveu a solicitar a publicação deste. Na certeza de merecermos a atenção de todos os brasileiros, através da mais ampla divulgação do que acima foi exposto".

Fonte: CARNEIRO, Glauco. História das Revoluções Brasileiras, vol. 2. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, p. 604.

Compilado por Luiz Ernani Caminha Giorgis, Porto Alegre, em 12 Mar 2024.

A Contrarrevolução de 64

*"A História não tem lados, mas os historiadores têm".
Jonah Goldberg¹*

Transcorrerá em 31 Mar próximo os sessenta anos da Contrarrevolução preventiva de 31 de março de 1964, pois antecipou a revolução comunista em curso prevista para eclodir no País naquele ano.

Portanto, este artigo é dedicado àqueles que não tendo vivido a época que precedeu o Movimento Cívico-Militar de 1964 e, conseqüentemente, não conhecendo a verdade dos fatos que marcaram aquele acontecimento, têm sido o alvo preferencial da mídia facciosa e dos revanchistas quando tratam desse tema.

¹ Jornalista e escritor norte-americano.

Verdades precisam ser ditas, embasadas em fatos históricos, sobre o que de fato ocorreu naquele memorável dia e nos anos que se seguiram.

Ouçõ de pessoas, em quem confio intelectualmente, que existe algo muito errado na forma como a História é contada.

Vivi pessoalmente o momento, muitos viveram e francamente não entendo como se cristaliza, ou melhor, tenta-se sistematicamente cristalizar uma versão dos acontecimentos, cínica e imparcial, daquela quadra histórica que a Nação vivenciou.

Estamos falando do movimento que salvou o país do caos para o qual estava sendo conduzido, porque a situação nacional deteriorou-se a tal ponto naquela época que se temia um iminente golpe comunista, tal qual o acontecido na Intentona Comunista de 1935 para a tomada do poder.

Áreas urbanas em estado permanente de greves e tumultos paralisavam a atividade produtiva.

No campo, produtores rurais viviam sobressaltados pela ameaça de invasão de grupos organizados.

O desabastecimento, a inflação galopante, comícios ameaçadores, serviços públicos em colapso, intimidações do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).

Era a desordem e a conspiração descarada naquele momento, a desarmonia imperava entre os poderes constitucionais.

O clamor pelas reformas de base do governo do Sr. João Goulart, “**na lei ou na marra**”, pressionava o Congresso de forma sincronizada, combinando tensões geradas pelo Executivo com as agitações dos movimentos sindical, estudantil e de setores marxistas organizados dentro da Igreja.

O País jazia virtualmente paralisado.

No âmago das Forças Armadas a disciplina e a hierarquia, suas bases constitucionais e verdadeiras cláusulas pétreas, eram violentadas às escâncaras.

Muitos não querem lembrar-se da revolta dos sargentos em Brasília, da “Associação de Marinheiros e Fuzileiros” que pregavam abertamente a insubordinação, do comício da Central do Brasil no dia 13 de março, onde a praça estava emoldurada por bandeiras nacionais ostentando a esfera em vermelho e tendo a foice e o martelo no lugar do dístico “Ordem e Progresso”, da reunião no Automóvel Clube do Brasil no RJ, com o incentivo e a presença do Presidente da República e do espetáculo deprimente de praças carregando nos ombros um Almirante, todos fardados, demonstração inequívoca de quebra da disciplina e da hierarquia.

Não interessa mencionar os comícios comunistas, as ações das Ligas Camponesas, dos “Grupos dos 11”.

Era a própria revolução marxista em marcha. Luiz Carlos Prestes dizia que os comunistas estavam no governo, mas ainda não no poder.

A anarquia instalada, a Nação perplexa, temerosa e aflita, apelou nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, marchas que tiveram participação de mais de 800 mil pessoas, para que suas Forças Armadas - povo fardado que ao longo dos tempos sempre esteve ao seu lado, pois nunca foram intrusas na História da Pátria.

O apoio popular foi evidente, como atesta o fato de não se conhecer uma única baixa causada pela tropa, diferente do que ocorreu em outros países onde o regime comunista foi implantado pela força e com o sacrifício de legiões humanas.

Pacífica e silenciosamente a Nação legitimou a intervenção, ratificando que “**todo o poder emana do povo e em seu nome deve ser exercido**”!

Vitorioso o movimento democrático, o Brasil ainda viveu anos difíceis com o surgimento da luta armada nas cidades e no campo: assaltos; sequestros; roubos; atentados; guerrilhas.

Foram os comunistas novamente derrotados e outra vez não contaram com o apoio da população.

Os governos pós-64 imprimiram uma gestão progressista, recuperando a credibilidade e a autoestima nacionais.

Equilibrou-se o balanço de pagamentos.

O programa de integração nacional resgatou a Amazônia.

Os planos nacionais de desenvolvimento modernizaram os transportes, as telecomunicações e a infraestrutura econômica.

As taxas de crescimento atingiram e mantiveram-se em níveis sem precedente.

O ciclo revolucionário operou a transição de uma sociedade agrária tradicional para uma sociedade moderna, predominantemente urbana e industrializada, levando o Brasil da 49ª para a 8ª maior economia mundial.

Foi um verdadeiro milagre econômico.

Hoje vivemos novos tempos, enfrentando as mesmas dificuldades que nossos heróis de ontem confrontaram, pois os derrotados naquela luta apresentam-se hoje travestidos de democratas, cada qual fingindo ser um idealista que só quer o bem do Brasil.

No fundo há interesses escusos por indenizações, bolsas e cargos.

Guerrilheiros de ontem, bem como outros hoje condenados por crimes recentes de corrupção e afins, têm ainda a desfaçatez de se declararem “presos políticos” ou paladinos da democracia.

A contrarrevolução de 64 representa uma página oculta em nosso passado.

A verdade tem sido sufocada.

Quando a ação do tempo superar as paixões políticas e erradicar as ideologias fraticidas, a memória nacional haverá de fazer justiça à coragem moral e ao espírito empreendedor dos líderes que nos legaram o exemplo de 31 de março de 1964.

É por tudo isso que nesse dia celebrarei aqueles que se levantaram contra o mal iminente, que serviram à Pátria com honra e abnegação e que reafirmaram o nosso compromisso com a liberdade e a democracia.

José Carlos Pöppel Filho, Cel Inf Tu 76

Ex-Cmt do 9º BIMtz

+++++

Editor:

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da
AHIMTB/RS**

(lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

- Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da

FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com/>